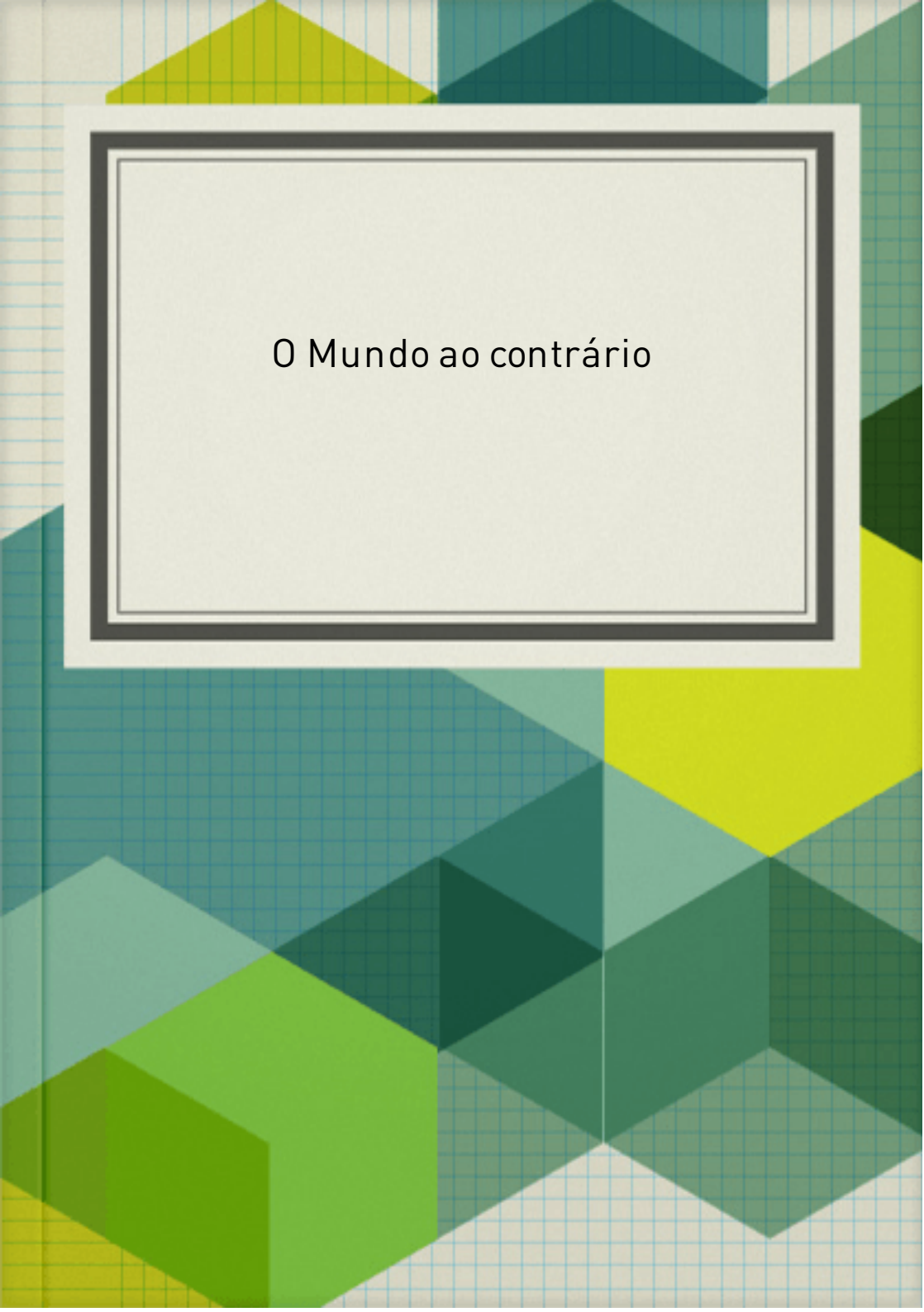




# O Mundo ao contrário

Ora, o mundo das novas tecnologias trouxe-nos um conceito de proximidade que ainda andamos a aprender a gerir e sobre o qual, provavelmente, só se alcançará um equilíbrio quando já tivermos outro paradigma qualquer a nascer. Hão-de mudar-se as agulhas da atenção, da crítica, da exposição. Muitas vezes ao longo da vida, e a História prova-o, somos, enquanto sociedade, dotados de um efeito retardador na compreensão e assimilação daquilo que está claríssimo à nossa frente. O cérebro humano é uma máquina complexa e mais complexa se torna quando a sua manutenção e evolução não é feita por nenhum técnico, mas sim por cada um de nós no que toca às opções.

Às decisões. À necessidade de mudança. Ao grito sobre a referência. A questionarmo-nos permanentemente sem que a catadupa de questões nos promova na empresa do pré-conceito. (O preconceito só se instala quando o “pré” ganha estatuto de argamassa.)

A Liberdade de Expressão não é Libertinagem de Expressão. Quando se escrevem artigos, se publicam opiniões, se comentam essas opiniões e esses artigos, sem o menor pejo em não se ter conhecimento efectivo sobre o tema “ah e tal, a liberdade de expressão” – ou – quando alguém não concorda com o que lê (se é que leu, muitas vezes é óbvio que não o fez. Sim, óbvio.) e imediatamente vai buscar o saco de adjectivos ofensivos, em vez de fazer perguntas, dizer “não concordo” e explicar porquê, “ai” de alguém que venha contradizer ou até defender-se porque “ah e tal, a liberdade de expressão”.

Honestamente, o que vos peço é o seguinte: Não confundam liberdade de expressão com libertinagem na expressão. Nem opinião com crítica vazia. São conceitos muito caros que estão a ser dados a preço de saldo. O que foram difíceis de conquistar e o que custa mantê-los caiu-nos do colo com demasiada facilidade. Se houve quem lutasse para os conquistar, há quem continue a lutar para que eles vivam. E devíamos (podíamos) ser todos a fazê-lo. A luta pela igualdade e pela paridade, a luta na defesa dos direitos mais básicos, não é uma moda, não é um capricho. Não é uma “coisa de mulheres”. É de todos. O Feminismo não é, nem o lado fêmea do Machismo, nem uma “coisa de mulheres”. Luta por direitos, por reconhecimento, por papel activo. Por equidade. Equidade, minha gente! Digo e repito, à semelhança do que fiz no texto sobre o dia internacional da mulher, não é uma data vazia. É uma data que assinala uma luta, dura, pelo reconhecimento da mulher enquanto pessoa! Já acabou? Não.

Querem saber porque não pode acabar?

Deixo-vos em seguida uma curtíssima cronologia que sustenta a resposta. E digo-vos mais: a crítica é muito fácil quando o assunto são as mulheres, quando o preconceito é ditoso de um pensamento que, não neguem, é real – “Mas já não têm tanto? Já estão a roçar a imoralidade! Mas agora querem andar nuas na rua, é? Lá vêm estas feminazis, não têm um dia que é só delas?”. Pensamento tanto de homens quanto de mulheres. Faz algum sentido? Repito a pergunta: Este tipo de pensamento, faz algum sentido? Deixemos de olhar para os pés, porque a “obra” faz-se com as mãos.